

# Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
NÚMERO 18

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 20 de Outubro de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

## POR GUIMARÃES A TUBERCULOSE

Encerra-se com o presente número o segundo trimestre da publicação deste jornal.

Olhado o caminho percorrido de cousa alguma temos que nos arrependar. Pelo contrário, de tudo nos orgulhamos, com o orgulho muito legítimo e muito sincero de quem, em consciência, tem a certeza absoluta de que vem cumprindo os seus deveres de vimaranense com honestidade e com firmeza.

Sem brilho, certamente, mas com dignidade, o «Pro-Vimaranense» tem cumprido as promessas feitas no artigo de apresentação desta fase corrente.

Órgão da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, reviveu para procurar conseguir a união dos vimaranenses. Por ela se tem batido estrenuamente, com bons resultados?

Não podemos, infelizmente, responder em sentido afirmativo. Os vimaranenses ainda hoje, apesar de todos os nossos esforços, não deram grandes passos para a sua união. Continuam como dantes. Porisso têm actualidade as nossas palavras de há seis meses:

«Quando há necessidade de união, de coadjuvação de esforços, de energias, de vontades, quantas dificuldades! quantos obstáculos! Por qualquer pequena coisa aí estamos todos a guerrear-nos estupidamente, imbecilmente. Porque Fulano é monárquico, porque Cicrano é republicano, porque este é plebeu, porque aquele é aristocrata, porque este é católico e aquele ateu, porque um está pôdre de rico e aquele sem vintém, por isto ou por aquilo, por nada até. Não pode ser! Não deve ser!

Acabemos com dissídios, com mal entendidos, com desconfianças. Olhem-nos frente a frente. Sejamos dignos da nossa qualidade de vimaranenses. Há um campo em que todos, absolutamente todos, nos podemos juntar, nos podemos entender. E' o campo em que está este jornal. Acima de tudo, dos preconceitos, das facções, de tôdas e quaisquer separações políticas — a nossa terra! Lutemos por Ela, dêmos-lhe tôda a nossa assistência, que Ela bem carece de que a amemos enternecidamente, devotadamente!».

Se os vimaranenses não se unem, não se dão as mãos, não querem trabalhar conjuntamente, sem ódios nem malquerenças, pelo progresso e pelo engrandecimento da sua terra, não é nossa a culpa, que a todos temos dado um alto exemplo de isenção e de amor bairrista.

Digamos porquê.

Trabalham neste jornal pessoas de todos os credos políticos e até religiosos; tôdas elas com absoluto desinteresse, com a mira exclusiva de contribuir para melhorar material e espiritualmente o ambiente deletério em que vivemos. Pois, vindos de lados tão dessemelhantes, nunca entre os que aqui trabalham se observou a mínima desinteligência, se esboçou a menor contrariedade. Todos temos sabido entender-nos sem quebra das opiniões políticas de cada um.

Será impossível entenderem-se todos os vimaranenses como nós nos entendemos? Será impossível dar-se na vida concelha o que se dá dentro deste jornal?

Recordemos as brilhantes e sensatíssimas palavras de Alfredo Pimenta:

«Em relação à vida, propriamente, de Guimarães, não há monárquicos nem republicanos: há vimaranenses. Como vimaranenses, nós não temos de discutir se a continuidade hereditária é ou não preferível, na estrutura constitucional do Estado, à incontinuidade sistemática. Como cidadãos do Estado, o problema interessa-nos; como cidadãos da cidade de Guimarães, o problema está fora da nossa competência.»

O que deve interessar-nos é o problema da higiene citadina, o das suas águas, o do seu liceu, o da sua Colegiada, o da sua Guarnição Militar, o dos seus meios de comunicação, o da sua maior ou menor actividade administrativa, o do seu desenvolvimento turístico e económico, etc.»

Porque não se fez ainda a união dos vimaranenses?

Porque os vimaranenses não têm querido.

E porque assim é, os vimaranenses têm o que merecem...

\*

Dissemos atrás que cumprimos as promessas feitas no primeiro número.

E é a pura verdade.

Se não o fizemos tão completamente quanto desejaríamos, a culpa é dos que, podendo e devendo ajudar-nos, se têm conservado à margem, dados a um comodismo que pode muito bem significar, e em muitos significa, rematada inconsciência...

Nestas colunas temo-nos esforçado, constantemente, e dentro das condições do momento, por que a acção administrativa desperte do quasi marasmo em que jaz.

Apontando exemplos dignos de seguir-se, temos, por outro lado, procurado estimular a iniciativa

Instrução, escola, dizia eu a terminar o último artiguelho que sobre este assunto aqui escrevi; e a par da instrução uma habitação condigna, que crie o gosto do lar e fortaleça o amor da família. Faz lá sentido que tentemos qualquer medida profilática sem acabarmos primeiro com as esterequeiras em que o nosso povo vive... De que valerá levar o doente, o empestado, para o hospital, ou para o sanatório, curá-lo ou atenuar-lhe o mal, se o voltamos a empregar no chiqueiro imundo, onde pupulam os germens de tôdas as malaras?

Casas conheço eu em que chove como na rua. Há anos, uns 3 anos, pouco mais ou menos, fui visitar um trabalhador da Câmara, pobre diabo que em má hora partiu algumas costelas.

Estava estendido em miserável cama de bancos, em velha enxerga, suja e rôta, e segurava no braço livre um... guarda-chuva aberto. E' que lhe chovia na cama, na casa tôda. E mourejava este homem todo o santo dia, e mourejou a vida inteira para aquilo, para não ter o que muitos cães teem!

E quantos casos destes não há por aí a atestar o cruel abandono a que estão votados os nossos trabalhadores, a parte maior e melhor da nação, massa anónima de que ninguém cuida, corja de párias que enche os quartéis e as oficinas, povoa os campos e as cidades, e vive e morre a amaldiçoar a vida, atolada em vícios, acorrentada à miséria.

A habitação da nossa gente, a casa em que essa gente vive...

E a alimentação? Esses mal-lascaras, essas enfezadas que nós aí vemos à hora da saída são a

prova de que já vai muito recuado o tempo milagreiro da multiplicação dos pães. E esses bandos de crianças, remeladas, pálidas, ventradas que passam a vida ao Deus dará, mal vendo os pais à hora do caldo, sem restea de alegria a aquecer-lhes o bérço e que, criadas na desordem do desespêro, mostram nos olhos a desconfiança dos fracos e a timidez dos vencidos?... Não serão elas, essas pobres crianças que a tísica espregia, o fatal produto de lares famintos?

Sanatórios, hospitais... Para quê?

Estou daqui a ver a *santa* caridade mundana, vaidosa e fútil, a engendrar chás dansantes e kermesses, touradas e corridas de sacos, com a altruística mira de socorrer os «filhos das vítimas da tuberculose»; estou a vê-la, a lendária e espaventosa caridade mundana, a levar o *seu* conforto e o *seu* óbulo áqueles tristes lares, a pedinchar para este sanatório e para aquele hospital. Mas o que eu já não verei é o grande dia da solidariedade evangélica, que faz do homem irmão do homem, a cada um dando o seu feixe de luz e alegria, a sua parcela de sombra e de dôr.

Sanatórios... hospitais... Sim; mas com a condição de nêles se encaixarem, de uma só vez, todos os tuberculosos e filhos de tuberculosos. E mesmo assim, de nada valerá, ou de pouco servirá, se continuarmos como até aqui, no que diz respeito a higiene, moradia e alimentação nas classes média e proletária, em que a peste branca mais vítimas faz, como é natural.

DÓRIO.

particular para que algo faça de útil. E neste sentido, a ideia da construção de um novo teatro, que lançamos e advogamos com entusiasmo caloroso, há-de servir maravilhosamente para se ver, a final, até onde se pode contar com ela...

As chamadas *reclamações locais* as nossas crónicas reclamações locais, desde as mais importantes, como as referentes ao Liceu Central, à Unidade Militar e à Escola Industrial, até às mais somenos, como a dos serviços telefónicos permanentes, tem-nos merecido sempre a mais carinhosa atenção.

Prostituição, mendicidade, higiene, saneamento — todos estes problemas temos focado. O da tuberculose, que é, em rigor, um problema nacional, aqui tem sido estudado com proficiência e brilho por um dedicado colaborador.

E como êstes, o da vida cara, o da alimentação, o do turismo, todos, numa palavra, que interessam à vida de Guimarães, aqui vão sendo debatidos, com um grande desejo de acertar, e sempre, mas sempre, com inteira boa fé.

Assim todos cumprissem, como nós, os seus deveres de cidadãos vimaranenses!...

\*

As muitas dificuldades e os tremendos obstáculos que a cada passo tem surgido no nosso caminho, não nos entibiaram o ânimo.

Continuaremos resolutamente, com persistência, com tenacidade, nesta cruzada em que andamos empenhados; lutaremos enquanto estivermos convencidos de que vale a pena trabalhar pela nossa

PRO-VIMARANE

PARABENS!

MISSÃO AGRÍCOLA

O próximo número deveria sair no dia 30 deste mês. Como, porém, aproveitamos o fim do segundo trimestre para introduzir nos nossos serviços de administração algumas modificações que a experiência nos aconselhou, e como pelo que respeita aos serviços propriamente de redacção, também grandes alterações terão de sofrer, não será publicado neste dia, mas, provavelmente, no próximo dia dez de novembro.

Pouco a pouco, procuraremos fazer com que este jornal se aproxime da perfeição, correspondendo aos votos e aos desejos dos amigos dedicados que nos têm acompanhado e sempre nos têm dispensado o favor do seu aplauso e da sua confiança.

Muito do original que deveria ter sido publicado neste número fica para o próximo e seguintes, facto de que pedimos desculpa aos nossos illustres colaboradores.

*A Casa HIGH-LIFE é a que mais barato vende: Perfumarias dos melhores autores, Camisaria, Artigos de bordar, Miudezas Modas e Gravatas.*

querida terra, enquanto não julgarmos vãos todos os esforços que façamos para tornar melhores os nossos conterrâneos.

Sabemos perfeitamente que é impossível agradar a todos ao mesmo tempo. Podíamos até contar interessantes e significativas histórias acerca do desagrado por várias formas manifestado por certas pessoas... Mas não as contamos, oxalá nunca tenhamos de as contar...

... A nossa memória recorda, num impulso irresistível, as desoladoras perguntas de um escritor ilustre:

«Que destino caprichoso e cruel como o que perseguia os heróis da Iliada, imprime à nossa raça uma característica tão antipática, tirando, aos que teem iniciativa, a vontade de serem úteis e animando os derrotistas para novas campanhas de calúnia e ódios? Porque se não deixa trabalhar, em paz, quem tem tenacidade e inteligência, e se teima em deixar esta pobre e esta infeliz gente num marasmo apático, mal mascarado de progresso e de civilização, que entre nós são simples palavras?

Como explicar este trabalho de Penélope a «duo», que é em resumo a vida portuguesa, em que uns tecem laboriosamente a teia e em que outros teimosamente a desmancham?»...

\*

Não se vá julgar, porém, que já nos invade o desalento.

Continuaremos, repetimo-lo, nesta cruzada, com tenacidade e com persistência — enquanto os nossos conterrâneos o merecerem, enquanto valer a pena trabalhar por Guimarães!

Este número foi visado pela comissão de censura

Lá está, artisticamente embutido num dos penedos da formosa Penha, o monumento a S. Cristóvão!

Lá está, e muito bem, devido à boa vontade e esforço dos estimados *chauffeurs* que não souberam recuar nem poupar a canseiras para, em tam curto praso, realizarem a sua louvável iniciativa, mostrando, assim, não ser de braços crusados nem com inoportunas e embirrentas discussões, que se levam a efeito quaisquer emprêças, como, infelizmente, tem acontecido e acontece ainda com outros monumentos do nosso conhecimento... O do Gil Vicente... o dos Mortos da Grande Guerra... o da Independência... e o do João Franco que teve aqui, na nossa terra, os amigos mais entusiastas e os correigionários mais fervorosos; que foi, todos o sabem e todos lealmente o confirmam, a melhor e a mais prestimosa dedicação que Guimarães conheceu nos últimos tempos e que morreu fiel à sua pátria política.

E' triste dizê-lo, mas a verdade é esta!

Todos quatro no rol do esquecimento!

Todos!...

Todos quatro no bojudo cêsto que guarda e açambarca os projectos bem intencionados para que jamais tenham realização!...

Não escapou um só!

Triunfou, tam somente, o Santo Patrono dos automobilistas devido — quem sabe? — ao facto de ter nascido fora de barreiras, a usar cacête e ao reconhecido e sincero entusiasmos da gente sua devota que, apesar de humilde e de modestos recursos, soube, com amor e com carinho, deitar mãos à obra e fazer ouvidos moucos áqueles que nada fazem, que nada deixam fazer e que, por maldade ou por inveja, tudo empatam e tudo contrariam.

Parabens srs. *chauffeurs*!

Muitos e muitos parabens!

Lá está, no alto da linda e tam admirável Penha, num dos penedos que Deus houve por bem proteger da broca e da dinamite, o monumento a S. Cristóvão, inaugurado, no penúltimo domingo, pela única e veneranda reliquia da nossa velha Colegiada, o ilustre cónego Alberto Vasconcelos, cuja alocação centenas de pessoas religiosamente escutaram e delirantemente aplaudiram.

Felicitemos, pois, a briosa classe dos *chauffeurs* por, em pouco mais de meia dúzia de semanas, conseguir realizar aquela homenagem ao seu Santo Padroeiro!

Em seis semanas!...

Bem se diz que o querer é poder!...

E o do nosso Gil Vicente, o poeta genial e primeiro dramaturgo português, à espera há mais de vinte anos!...

Há quatro lustros, senhores!...

E o dos Mortos da Grande Guerra, onde tantos filhos de Guimarães deram a vida pela Pátria, esquecido para sempre, apesar de ter tido já o seu lugar destinado num dos principais largos da cidade!...

E o da Independência, onde em pleno domínio dos Filipes se realizou a *Festa do Pelote* e um frade franciscano profetizou a

nossa libertação, a sua pedra inaugural continua a *grelar* e a ressonar ali, no jardim público, tal qual o preto à sombra da bananeira!...

E é isto!

Bem queremos caminhar e progredir, mas, no momento preciso, na altura de pôr as coisas em prática, mete-se o trango-mango de permeio e apanhamos sempre um codilho como no voltarete!

Sempre!...

Por mais gentis que sejamos, por mais festas e miminhos que façamos, todos nos deitam à margem e todos se esquecem de nós!

Todos!...

E, se se lembram, é só para nos deixarem a pão e laranja...

Pancadaria de criar bicho!...

Catatau!...

Para os outros sempre o apetitoso cherne, o saboroso linguado, peixe do melhor; e para nós, uma vez por outra, um simples rabo de sardinha ou a mais descarnada e chupada espinha de bacalhau!...

E nós, então, como gente bondosa e ingenua, sempre prontos a abrir as guelras para os vivórios, a mandar tocar a musica e sempre com a morraca para chegar aos foguetes!...

Pois está claro! *Quanto mais tu me bates mais gosto de ti!*

Mais gosto... e mais suspiro!...

Os outros a inchar e nós a emagrecer de cada vez mais!...

Que desventura a nossa!

Os outros constantemente a repenicar e nós eternamente a dobrar a finados!...

Somos uns defuntos!...

Que desgraçada sorte a nossa, Santo Deus!

Que triste sina há de acompanhar até na morte os nossos mais dedicados amigos e os nossos mais generosos conterrâneos!...

Depois de mortos ninguém lhes liga importância de maior!

Na vida, os rapapés e os sala-maqueques até trasbordam; na morte... é o que vocalências estão a ver!

Abandonados!... Esquecidos para sempre!...

Para sempre, não...

S. Cristóvão, lá no Alto, há-de agora interceder por nós e guiar também o nosso destino.

Será o que nos vale.

José de Gondar.

Antes de efectuar qualquer seguro de VIDA, ACIDENTES, contra INCENDIO, ou MARITIMOS, consulte a

FIDELIDADE

Companhia de Seguros quasi centenária e a mais conceituada de Portugal, fundada em 1835.

As suas acções estão cotadas em 16 CONTOS, CADA.

Agente em Guimarães

Manuel Alves de Oliveira

Rua de Egas Moniz, 87

Conforme já foi noticiado pelos jornais diários, iniciou a sua acção, no nosso concelho, a 2.ª brigada da campanha da produção agricola, que é chefiada pelo nosso velho e querido amigo, o ilustre engenheiro agrônomo e professor distinto da Escola Agricola de Santo Tirso, sr. Honoré Reis Marques da Cunha.

Não queremos deixar passar este facto sem algumas considerações que nos são sugeridas pelo muito interesse que sempre dedicamos à nossa indústria mais importante — a indústria agricola.

O atrazo do nosso país em materia agricola, é manifesto. Somos um país deficitario em produção de trigo e até... em milho!

Alguns dos productos que exportamos, por defeituosos ou por mal apresentados, não teem nos mercados estrangeiros a aceitação que tão necessária era à nossa economia.

O actual ministro da agricultura iniciou, no ano transacto, a campanha do trigo, chamando para tomar parte nesta patriótica cruzada os tecnicos agricolas — engenheiros agrónomos e regentes agricolas. Forneceu-lhes meios materiais, e ao fim de um ano de actuação, verificou-se que a primeira batalha da campanha estava ganha. Mormente nas mais importantes regiões de trigo, muito se fez em favor do melhoramento da cultura do nosso melhor cereal.

Em face do exito obtido, a campanha do trigo transformou-se na campanha da produção agricola. A divisa da campanha era: «o trigo da nossa terra é a fronteira que melhor nos defende». Agora, atrevemo-nos a modificá-la: *os productos agricolas da nossa terra, constituem a fronteira que melhor nos defende.*

Oxalá os nossos lavradores saibam compreender e apreciar o exforço que o Estado, pelo Ministerio da Agricultura, está realizando em seu favor.

Tenham confiança nos conselhos que os tecnicos lhes dão, e nos ensinamentos que lhes proporcionam, e assim — a lavoura de mãos dadas com os agrónomos — será possível entrar numa era de progresso real para a nossa agricultura.

\*

No pátio da casa do sr. José Couto, administrador do concelho, esteve instalado um seleccionador de trigo e de centeio, cujo funcionamento foi observado curiosamente por algumas centenas de lavradores.

Os membros da brigada tecnica retiraram-se com a impressão de que os seus exforços serão coroados de êxito.

Assim seja!

Meias e peúgas

O mais completo sortido e o mais barato só na Casa das Gravatas.

CASA DAS MEIAS

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia? Vá à casa Casa Martins.

# PARA A HISTÓRIA DA PENHA

## EDITAL

(Continuação do número anterior)

e que os ditos religiosos de tudo poderão usar como bem lhe parecer e que todo o direito, posse e acção, resão, util dominio e senhorio presente e futuro que em tudo tem e pôde vir a ter e alcançar, tudo na dita religião cedida e trespassava deste dia de hoje para todo sempre e que a seu favor de tudo apartava e abria mão, e que de tudo tome a posse por si mesmo ou por auctoridade de justiça que sem para a dar e tomar della seja necessario ser elle doador citado requerido nem chamado e quer a tome quer não desde logo lha dava e havia por dada cedida e trespassada e que emquanto a não tomarem se constituia por seu simples inclino colonos possuidores, e com effeito pela clausula do constituto e que isto com as reservas e condições seguintes: — Que elles ditos religiosos depois do fallecimento delle doador lhe dirão e mandarão dizer uma missa todos os domingos emquanto o mundo durar, no dito Oratorio, que será dita no altar-mor de Nossa Senhora da Penha, que lha impõe em toda a propriedade reedificada, como na que elles de novo por virtude d'esta doação reedificarem, e que serão obrigados em cada missa que se disser no dito sitio e Oratorio, no fim de cada missa de qualquer altar do dito Oratorio, dizer um responso pela alma d'elle doante e tambem pedirão aos circunstantes um Padre Nosso e Ave Maria, nomeando o nome d'elle primeiro habitador do dito sitio; e sendo caso que pelos tempos vindouros em deante se fizer outra igreja em qualquer parte do dito lugar e sitio (1), nunca tirarão a imagem da Senhora da Penha de seu lugar onde está e Oratorio e altar, e nunca mudarão o dito Oratorio do dito sitio; e fazendo a igreja nova em outro sitio e se disser missa n'ella, cada um dos sacerdotes que disser missa na dita igreja, em qualquer altar que seja, lhe dirão o mesmo responso no fim da missa em todos os altares da dita futura igreja na fórma declarada do Oratorio, e isto até o fim do mundo sem remissão; e que assim mais havendo elle de viver mais tempo depois deste instrumento feito e posse dada e tomada, antes de tudo reservava o seu lugar e habitação e uso na dita casa e Penha sem contradicção alguma, e succedendo o contrario ha esta doação por de nenhum vigor e por reclamada e como se nunca fosse feita, e que no dito sitio viverá em casa ou cella que escolher, que escolhida ella della não sahirá senão para a sepultura, e que lhes darão todo o necessario á vida humana, entendendo-se ração da Communidade, donde se infere todo o sustento necessario, vestir, calçar e lhe administrarão toda a qualidade possivel nas suas doenças e enfermidades, curando-o, alimpando-o e lavando-o como que fosse religioso de mesa da casa emquanto elle vivo fôr, sem que tenha obrigação, cargo, nem officio, nem occupação no dito convento ou congregação, nem ir a peditorio, e menos dominarão sobre elle, e que a cella que assim escolher

para sua habitação será fechada com chave que terá em seu poder adonde pessoa alguma não entrará sem licença d'elle doante, e entrará e sahirá quando quizer sem que o impidam, e estará todo o tempo fóra que lhe parecer e virá quando lhe parecer sem que o possam contradizer e menos o prelado da dita casa, e mais disse que sendo caso que falleça na sua cella, ou uma legua ao redor desta villa, sempre será sepultado dentro no dito Oratorio sepultura que n'elle tem feito, e que sendo caso que a estas condições lhe faltem, desde logo tudo ha por não feito e fique sem vigor algum e como que se feito o não tivera, porém cumprindo-lhe as ditas condições e reservas lh'a ha por bem feita, firme e valiosa para sempre, e assim mais para todo o sacerdote ter noticia e sciencia do responso e padre nosso e ave-maria atraz declarados farão uma plancha e n'ella porão a dita obrigação por escripto n'ella na sacristia ou no altar onde melhor se possa ver de que não haja falta debaixo da consciencia do prelado ou religioso que governar, e que n'esta conformidade haviam esta doação para o culto divino e reedificação do serviço de Deo por bem feita e finda — e logo pelo dito padre frei Joseph da Conceição foi dito, usando dos poderes que lhes tinham concedido os padres da Provincia, e avisos que lhes tinham feito, assim queria e aceitava esta doação com as ditas reservas n'ella mencionadas, e que a tudo cumprir obrigava as rendas dos conventos de seus constituintes uzando dos poderes da procuração, e que esta doação fazia com consentimento e licença que tinha para dispor de tudo e testar como d'ella consta feita aos vinte e um dias do mez de Maio de mil e setecentos e vinte e oito cuja propria fica em poder delle doante e por certidão a elle procurador, e para que a todo o tempo conste em como elle procurador aceitou esta doação com poderes amplos, me requereram um e outro lhe copiasse aqui a procuração da Provincia e della o teor de verbo ad verbum, é o seguinte: — Frei Manuel da Esperança, mestre da sagrada Theologia, qualificador do Santo Officio e examinador do Priorado do Crato, Prior Provincial da ordem de Nossa Senhora do Carmo nestes reinos e senhorios de Portugal Algarves e mais padres definidores abaixo assignados, juntos em Congregação que segundo as leis da Religião se celebrou a terceira dominga depois da Pascoa deste presente anno de mil setecentos e trinta e um; faço meu bastante procurador ao padre frei Joseph da Conceição, capellão das religiosas do nosso convento de São Joseph da villa de Guimarães para que em meu nome e de toda esta provincia de Nossa Senhora do Carmo da regular observancia, possa celebrar, assignar e aceitar uma escriptura de doação que faz a esta Provincia o irmão Guilherme de uma ermida em que habita na serra de Santa Catharina da invocação de Nossa Senhora da Penha com todas as mais fazendas annexas a mesma ermida, assim de terras como de arvores e de todas as

mais propriedades como se contém na planta que vai junta e com as condições que o doador aponta no outro papel, e feita a dita escriptura de doação, o nosso procurador irá logo tomar posse da dita ermida e mais propriedades judicialmente para que em todo o tempo faça fé em juizo que se tomou a dita posse em nome desta Provincia, para o que lhe damos todos os nossos poderes em direito necessarios, e o doador entregará ao nosso estabelecido procurador a sentença que teve na Relação do Porto contra os padres de São Jeronymo do convento da Costa e mais titulos necessarios para defendermos a dita doação. Dada n'este dito Real Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa occidental sob nosso signal e dos mais padres definidores e sellada com o sello grande da Provincia aos dezoito de Abril de mil setecentos e trinta e um. Frei Manuel da Esperança, provincial eleito. Doutor frei Francisco Valejo, primeiro definidor. Frei Dionisio da Silva, segundo definidor. Presentado frei Miguel Coelho, terceiro definidor. Frei Antonio de Santa Theresa, quarto definidor. Frei Bernardo Pedro, definidor perpetuo. Frei Bento de S. Payo, ex-provincial. Frei Estevam de S. Angelo, ex-provincial. Frei João Baptista Thoriano, provincial absoluto. Frei Manuel Beda de Santa Rosa, ex-v. provincial. Frei Jeronymo Telles, definidor perpetuo. Frei João de Passos, definidor perpetuo. Frei Filippe de Santa Theresa, secretario da provincia e do definitorio. — Segundo se continha na dita procuração que tinha o sello grande da Ordem, que aqui copiei a que me reporto, que entreguei a elle procurador que assignou de como a recebeu, e mais disse elle doador e procurador que esta doação se entenderia que em nenhum tempo do mundo a poderiam vender, trocar nem escambar nem passar a outra Religião, so sim para o feito que dito fica e que nem um nem outro em nenhum tempo do mundo que passando a outrem desde logo ficará esta doação nula e de nenhum vigor, e que a fazerem esta doação boa e de paz, certa, segura, firme e valiosa durante o tempo do mundo, obrigavam como de feito obrigaram suas pessoas e todos seus bens, assim moveis como de raiz e os bens e rendas de seus constituintes, e se obrigaram a em nenhum tempo do mundo cingindo-se ás condições d'este instrumento a não reclamar, e reclamando não valha, porque lhe faz esta doação para fundação de recolhimento ou convento da Ordem de Nossa Senhora do Carmo Monte Carmello; e assim o disseram, quizeram, outorgaram e aceitaram, e n'esta nota mandaram ser feito o presente instrumento, e d'elle pediram um e muitos d'este teor, que prometteram cumprir, sendo a tudo testemunhas presentes João Salgado e frei Joaquim de Santo Elias assistentes n'esta villa, e João Dias moço de sacristia d'este convento e Bento Lopes sapateiro de Traz o Mosteiro de S. Domingos dela e Luis Antonio da Silva estudante commigo tabelião morador, que todos aqui assigna-

**Dr. António Coelho da Mota Prego, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães.**

Faz público que, pelas 15 horas do dia 29 de Outubro corrente, serão arrematadas as "Casas Económicas", construídas na rua do Capitão Alfredo Guimarães (Alto dos Palheiros), sendo a base de licitação a seguinte:

Da primeira, contando de cima para baixo, que tem o n.º 4 . . . . .	11.404\$39
Da segunda que tem o n.º 6 . . . . .	11.020\$67
Da terceira que tem o n.º 8 . . . . .	11.280\$18
Da quarta que tem o n.º 10 . . . . .	11.525\$13
Da quinta que tem o n.º 12 . . . . .	12.362\$08
Da sexta que tem o n.º 14 . . . . .	12.069\$84
Da sétima que tem o n.º 16 . . . . .	12.165\$60
Da oitava que tem o n.º 18 . . . . .	12.083\$03
Da nona que tem o n.º 20 . . . . .	11.537\$62

As medições, confrontações e as condições de praça podem vêr-se ás horas do serviço, na Casa da Câmara, das 11 ás 17 horas.

Guimarães, 7 de Outubro de 1930.

O Presidente,

*António Coelho da Mota Prego.*

### CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género.  
Sempre as últimas Novidades  
Vejam os nossos preços.

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou seda ou de tecido de algodão em fantasia?  
Vá à casa **HIGH-LIFE.**

Desejam um chapéu elegante?  
Vão à **CASA DAS GRAVATAS.**

ram depois d'este instrumento lido e declarado, eu Manuel Pereira da Silva publico tabelião que o escrevi. Frei Guilherme Marinho de Santa Maria. Frei José da Conceição, procurador. O Irmão João Salgado. Bento Lopes. O Irmão frei Joaquim de Santo Elias. João Dias. Luis Antonio da Silva.»

*João Lopes de Faria.*

(1) Foi este frei Guilherme quem primeiro profetizou o engrandecimento da Penha e não o Padre António Caldas como por aí ao presente se diz e escreve em jornais.

# CASA DAS GRAVATAS

## DIAS & CARVALHO, LIMITADA

Sortido completo de artigos de camisaria e chapelaria. Lãs, calçado de agasalho e um grande sortido de casacos de malha, nas cores mais variadas e modernas.

**VISITEM ESTA CASA!**

### Oliveira & Silva, Sucessor

28, Praça D. Afonso Henriques, 31

GUIMARÃES

Panos para casaços, fe-  
cidos de lã para ves-  
tidos, Lãs dos Piri-  
netus, veludos li-  
sos e fantasia.

Peles, lã em  
fio, luvas

# CASA HIGH-LIFE

MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Luvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, vêtus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, bretanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos. **SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.**

## ATOALHADOS E LINHOS

Completo sortido de todos os  
tecidos próprios para enxovais

Lindas colecções de bordados de Guimarães

e uma grande variedade de  
tecidos para roupas interiores

Gonçalves & Castro, L.<sup>da</sup>

GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Preços das fábricas

Papelaria — Perfumarias — Tabacos  
Gramofones e discos — Radiotelefonía  
Papeis de embalagem — Fio — Papelão

## CASA IDEAL

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 — Telefone 181 — GUIMARÃES

## CASA DE SANTA TERESINHA

122, Rua da República, 122-A  
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria — Artigos religiosos — Objectos de escritório  
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.ª Comunhão,  
Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas  
laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas  
para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários,  
Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

## ALFABETARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber  
um enorme sortido de artigos de inverno, em lindos padrões.

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 — Telefone 177 — GUIMARÃES

## Agência Vimaranesense

Representações e Conta Própria

DE

## ALBERTO CÉSAR

Travessa de S. Carlos, 13 — PORTO

## CASA REBELO

117 — Praça D. Afonso Henriques — 118

GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos

próprios para a estação de verão

a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

## CASA MARTINS

A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*.  
Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gra-  
vatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Cal-  
çado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

**Bom, Bonito e Barato**

Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

## Francisco Ribeiro de Castro

Papelaria e objectos de escritório — Perfumarias — Tabacos  
Representante em Guimarães e norte de Portugal das Caenetas Conklin - Endura

Casa das Novidades

Rua da República, 103-A e 105-A  
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3

Artigos fotográficos

Telefone n.º 149  
GUIMARÃES

Papelaria Central

FILIAL  
Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13